

Este trabalho analisa o processo de construção de identidades femininas em revistas destinadas a mulheres dos principais centros urbanos brasileiros na década de 1920, vinculando-o ao projeto republicano de busca de identidade e constituição da nação pela via da modernidade e da valorização social da ciência. De outro lado, destaca a função mediadora da imprensa periódica – em particular as revistas femininas – na conformação de novos papéis sociais, transformando-se em veículo privilegiado do movimento civilizatório.

As páginas das revistas *Vida Doméstica* (1920–1963) e *Revista Feminina* (1914–1936) revelaram – em seu afã de retratar para suas leitoras o que significava “ser mulher” –, as aparentes contradições e ambigüidades que perpassavam os comportamentos femininos no período. Estas se encontravam, entretanto, sintonizadas com as tensões resultantes da permanência de resquícios de uma organização social, política e econômica de base patriarcal em confronto com os novos padrões relacionados à ordem burguesa republicana. Evidenciou-se ainda como, dentre as múltiplas identidades simultaneamente refletidas e forjadas nas revistas femininas, a maternidade foi configurada como o principal papel social das mulheres – e ao mesmo tempo sua própria essência.